

## A IDENTIDADE E O TRÂNSITO EM “AS MULHERES DE TIJUCOPAPO”

Ana Carolina Andrade Pessanha Cavagnoli<sup>1</sup>

### RESUMO

Sofrendo com o exílio, o abandono, o preconceito e a desolação causada pela migração, Rísia é uma nordestina massacrada por uma infância pobre e infeliz tentando encontrar a sua identidade fragmentada nos seus deslocamentos. A personagem narra, não-linearmente, seu trânsito, isto é, sua jornada de volta a Tijucopapo. Nesse diário de viagem, a recuperação da memória do passado propicia a superação do trauma e fomenta o retorno à luta. Com a teorização de Stuart Hall sobre identidades em processo, e a noção da dupla consciência sugerida por W.E.B. Dubois, veremos como esses processos são marcados, ainda que subjetivamente, na zona de contato, e como a personagem age rumo à desconstrução da ideia falocêntrica.

**Palavras-chave:** Trânsito. Trauma. Identidade.

### ABSTRACT

Feeling overwhelmed because of exile, abandonment, prejudice and desolation caused by migration, Rísia is a woman from the Brazilian northeast whose childhood had been troubled by poverty and unhappiness. As she tries to find her fragmented identity within displacement, she narrates her journey back to Tijucopapo. On her trip diary, memory recuperation of the past helps to overcome psychological trauma, as well as it incites struggling. Recurring to Stuart Hall for a theoretical frame on the construction of identities, and W.E.B. Dubois for the notion of double consciousness, this analysis required a reflection on these processes in the contact zone, yet subjectively, as we see the protagonist disarticulating the fallogocentric idea within the narrative.

**Keywords:** Transit. Trauma. Identity.

*“Mother  
You had me  
But I never had you  
I wanted you  
You didn’t want me*

*Father,  
You left me  
But I never left you  
I needed you  
You didn’t need me”*

*John Lennon, Mother<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria Literária no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Mestre em Estudos Anglo-Americanos pela Universidade de Coimbra; Licenciada em Letras pela Universidade Fluminense (Uniflu). E-mail:anacarol\_rj@yahoo.com.br

## Introdução

Em sua obra *The Daughter's Return* (RODY, 2001, p. 110), Caroline Rody descreve o sentimento de expatriação, de falta de história, de solidão, de não pertencimento e de estar desabrigado mesmo estando em casa, o qual ela chama de *sense of dispossession*. É este o sentimento que prepondera na vida da protagonista Rísia, na obra de Marilene Felinto, *As Mulheres de Tijucopapo* (1984). Através de sua história de migração, desenraizamento e errância (para usar os conceitos de Edouard Glissant – *rootedness and errantry*); de desastres, desempoderamentos e inadequação, pretendo situar este trabalho numa discussão sobre a identidade da mulher migrante subalterna e seus traumas num mundo de cruzar fronteiras, cruzar geografias, e tentar, sobretudo, uma recuperação de sua identidade fragmentada.

Em *As Mulheres de Tijucopapo*, a protagonista Rísia narra, não-linearmente, seu trânsito, isto é, sua jornada de volta a Tijucopapo. Trata-se de uma narrativa de memórias, uma espécie de diário de viagem, ou mesmo memórias de viagem, onde há a recuperação da memória do passado. A narrativa é traumática pela interiorização da violência representada pela figura do pai violento. Portanto, há um trauma psicológico recorrente nas falas da narradora, e, por isso, ela deseja vingar a menina que mora nela devido à infância problemática num contexto de pobreza, violência e rancor; resultado da violência paterna, das traições do pai e da falta de afeto da mãe.

Tive de ir-me embora de casa. Não sei por que vou aqui afora. Mas acho que é para ver se faço alguma coisa da minha vida, que foi marcada por fatos assim de tia e papai traírem mamãe. Mas acho que é para ver o que me sobra disso que já fui – eu menina, a rua onde vivi, as lembranças atormentadoras. (FELINTO, 2004, p. 46)

Assim, a personagem, uma vez imigrante em São Paulo desde a infância, deseja reconstruir sua identidade fragmentada e marcada por dores e desilusões. Segundo

---

<sup>2</sup> A canção é citada pela protagonista de Marilene Felinto, Rísia, quando exclama que o Inglês é vivo e, por isso, ela deseja enviar uma carta em Inglês dizendo o que sente, mas deseja que as pessoas não a entendam. Segundo ela, o Inglês a “separa” de enviar uma carta sobre ela própria, porque o Inglês a distancia das pessoas. (FELINTO, 2004, p. 90, 91.)

Serafina Ferreira Machado (2009, p. 11) a raiva e a revolta da protagonista surgem como elementos que ajudam a reconstruir a integridade do “self”.

### Da Identidade e do Trânsito

A teorização de Stuart Hall sobre identidades em contextos pós-coloniais nos faz saber que a identidade é vista como uma produção de novas identidades ao passo que nos posicionamos contextualmente, de diferentes maneiras, ao longo da vida. Para os afro-descendentes na diáspora, por exemplo, a identidade não está necessariamente aprisionada numa África fictícia e mitificada, mas se produz constantemente. Além disso, Hall nos mostra que as identidades estão sempre sendo marcadas e posicionadas em contextos linguísticos que nunca são neutros, mas são sempre marcados pelo poder. Assim, as migrações contínuas na vida das personagens Rísia – ao sair do Nordeste para São Paulo e ao traçar o caminho de volta a Tijucopapo – acabam por gerar novas identidades, num espaço híbrido de fronteira. Devido ao caráter híbrido da zona fronteiriça, há a necessidade de invenção de novas formas e novas representações de sociabilidade. O que a protagonista encontra em sua trajetória é o *in-between space* descrito por Bhabha (1994, p. 1), ou seja, o espaço de confronto na região onde o processo de articulação das diferenças culturais entre um e outro ocorre. Mas, no espaço de fronteira está também a zona de contato entre o espaço de um e o espaço do outro. Mary Louise Pratt (1992) nos traz uma noção da zona de contato como um espaço de encontro e fricção, principalmente em contextos de relações de poder assimétricas, onde o diálogo não é colaborativo e não existe uma compreensão intercultural, isto é, nem sempre há negociação nas trocas de valores entre culturas diferentes, o que torna o espaço de fronteira agonista e antagônico, onde pode-se (ou não) pôr os pés de um lado e/ou do outro – o que nos leva, mais uma vez, à noção do “sense of dispossession” citado anteriormente, juntamente com o sentimento de expatriação vivido pela personagem. Sabemos que, de fato, em relações de poder desiguais, geralmente sobressaem os discursos totalizantes.

Dentro do espaço de fricção flutuante está o conceito de “unhomely” definido por Bhabha (1994, p. 9) como “the condition of extra-territorial and cross-cultural

initiations”, num processo confuso entre o aqui e o lá, gerador de novas identidades e hibridismos culturais, pois na zona de contato nasce o processo de criouliização e reinscrição de identidades. Para ilustrar essas diferentes ancoragens identitárias, recorramos à fala de Rísia ao se descrever em São Paulo:

O que para eu ser? O que para eu fazer? Morrer? Aqui parece que não se morre, Nema. Aqui parece que só se dói muito. Nema, eles me fizeram dolorida como só a dor pode ser. Eu sou uma dor, Nema. [...] Mas em São Paulo, o que é que se quer, Nema? Eu já perguntei a eles. Ninguém pode, ninguém quer. Lá não chove, não tem areia, não tem pitomba. Lá, se eu quiser eu não posso, Nema. (FELINTO, 2004, p. 71, 75)

A personagem se encontra, portanto, num processo de se traduzir culturalmente na grande cidade. Ela não dá conta de ler a cidade, suas informações e tudo o mais que a cidade proclamava, pois a São Paulo de Rísia era-lhe agressiva e arrogante. Como ser uma nordestina e carregar o triplo sofrimento de ser pobre, negra e mulher numa cidade tão perversa? A cidade era vista por ela com falhas e imperfeições, tornando-se cada vez mais transgressiva e caótica. Quero considerar aqui que os princípios da cidade grande são codificados pelo conceito de liberdade e a possibilidade de viver seus contrastes. Mas, para Rísia, a cidade revela um grande desafio ao tentar lê-la. É confusa, heterogênea, não se revela como verdadeira ou autêntica, mas mostra-se como um simulacro da cidade ideal, onde tudo coexiste como num grande palco e desfaz o verdadeiro sentido da vida comunitária e simples que se podia ver na vila de Tijucopapo, em Recife.

E isso não é apenas mais uma história. Isso não é porra nenhuma de somente mais uma história. Nós retiramos das praias ainda maravilhosas de Boa Viagem para o Brás apodrecendo de São Paulo, repito. Repito que foi coisa de deixar a paisagem que é um mar para bater os olhos nos fundos dum hotel do Brás onde um homem se masturba num tanque de lavar roupa. Primeiro foi isso, então, um sujeito esfregando o pau contra o tanque no pátio do hotel. Eu já vi tanto sexo nos fundos dos quintais.[...] Eu quase tive um caso com uma mulher e estou saindo da cidade porque não agüento a cidade. A cidade me expõe aos mais perigosos perigos, delitos, crimes. [...] Quero que chegue logo Recife. Quando estiver próxima de Recife, vou pegar um atalho que me leve às praias de Boa Viagem e vou correndo ao encontro das águas. Vou engolir um pouco de sal e nadar milhas até a exaustão. (FELINTO, 2004, p. 104, 105, 108, 118).

No decorrer do romance vemos Rísia claramente delinear a traumática condição de mulher migrante (ainda que no tocante à migrações num mesmo país), precisamente pela questão da violência psicológica e física a que é sujeitada. No que tange a perspectiva deste trânsito traumático, gostaria de salientar a questão do Atlântico Negro, conforme afirma Simone Schmidt quando o observa

como o espaço imaginário de uma outra viagem, protagonizada não pelos colonizadores em suas rotas de expansão e conquista, mas pela própria ideia de uma cultura viajante, repensada a partir da experiência e das trocas culturais protagonizadas pelos subalternos. (2009, p. 802)

Lembremos que Paul Gilroy, ao sugerir a metáfora do *Black Atlantic*, contribui para nos deixar clara a reinscrição e o protagonismo dos negros na narrativa e na própria construção da modernidade, pensada pelo teórico como uma complexa rede de trocas transnacionais, ou seja, tanto pelos sincretismos ocorridos desde os primeiros contatos nos navios negreiros, como por terem servido como ferramentas propulsoras para o crescimento do capitalismo. O teórico reforça essa ideia ao descrever o navio: “The image of the ship – a living, micro-cultural, micro-political system in motion.” (1993, p. 4).<sup>3</sup> Através deste conceito, ele explica que as instabilidades e mutabilidades envolvidas na diáspora, geram identidades inacabadas – “unfinished identities” (1993, p. 1); e que estas estão constantemente sendo refeitas. É justamente esse o processo psicológico que vemos ocorrer, conceituado por DuBois como *double-consciousness*:

this sense of always looking at one’s self through the eyes of others, of measuring one’s soul by the tape of a world that looks on in amused contempt

<sup>3</sup> É importante ressaltar aqui que o “Atlântico negro” permitiu uma nova configuração das identidades diaspóricas, valorizando o seu caráter híbrido, pois foi prioritariamente no cruzamento cultural, político, linguístico e social que a modernidade se fundou. O navio negreiro é o tropo dos primeiros sincretismos ocorridos entre Europa, América, África e Caribe, onde diversas trocas ocorreram e onde histórias de descontinuidades foram exploradas e articuladas. Segundo Gilroy, o Atlântico funcionou como um sistema viabilizador de intercâmbio cultural, bem como precursor de perspectivas transnacionais e interculturais entre escravos. E não apenas isso: para além dessas trocas culturais, o “Atlântico negro” serviu também como palco onde prioritariamente se viabilizaram os primeiros indícios da modernidade e do sistema capitalista, servindo como elo entre metrópole e colônia e fortalecendo as relações capitalistas nas plantações, entre escravos (mercadoria) e senhores (mercadores). Não posso deixar de mencionar que Gilroy, ao desestabilizar a concepção de modernidade conforme o modelo europeu e conferindo esse protagonismo aos sujeitos africanos de que falei anteriormente, me ajudou a fundamentar o contributo ativo destes na criação de produtos literários novos e desestabilizadores.

and pity. One ever feels his twoness, - an American, a Negro; two souls, two thoughts, two unreconciled strivings; two warring ideals in one dark body, whose dogged strength alone keeps it from being torn asunder.[...] The history of the American Negro is the history of this strife, - this longing to attain self-conscious manhood, to merge his double self into a better and truer self. (DUBOIS, 1999, p. 215)

Ora, a consciência bipartida – a dupla visão – luta permanentemente para alcançar uma autoconsciência que, sabemos, perdurará numa eterna agonia, sendo colocada, portanto, num futuro inatingível. Utilizando a mesma metáfora sugerida por Gilroy e, em se tratando de um país com dimensões continentais como é o Brasil, quero enquadrar o trânsito de Rísia na ideia migratória de um Atlântico Pardo – fazendo, com isso, uma alegoria à figura do pau-de-arara levando os nordestinos à terras longínquas, tal como é São Paulo. A narradora encontra-se, portanto, numa posição diaspórica ainda que em terras brasileiras. Foi precisamente desde aí que o *crossing* de Rísia começou.

Desgraça. Em 1969, Natal, nós estávamos nos retirando das praias ainda maravilhosas de Boa Viagem. Boa Viagem da incendiada e alagada Recife de entre-rios. Da Recife coitada. Nós batemos em retirada no meio de porcos e galinhas e pedaços de tapioca amanhecida, entre catabios e sacolejos de um pau-de-arara, para um hotel imundo no Brás de São Paulo enquanto papai, o louco, alugava um porão qualquer onde nos socar. (FELINTO, 2004, p. 104)

O processo psicológico da consciência bipartida parece encontrar uma suposta saída, segundo Gloria Anzaldúa. Ela defende que a nova *mestiza* supostamente enfrentaria tudo isso “desenvolvendo uma tolerância às contradições, uma tolerância às ambigüidades”. Ao tratar de sua cultura, a teórica reforça: “Aprende a ser uma índia na cultura mexicana, a ser mexicana de um ponto de vista anglo-americano. Aprende a equilibrar as culturas. Tem uma personalidade plural, opera em um modo pluralístico.” (2005, p. 706). Gostaria de complementar esta hipótese e também contra-argumentar a partir da ideia da hermenêutica diatópica sugerida por Boaventura de Sousa Santos. Para que supostamente alcancemos esta tolerância num diálogo existente entre culturas diferentes que tendem a colidir, Santos (1997, p. 23) propõe que este diálogo seja intercultural através de uma hermenêutica diatópica, que se desenvolve no esforço de compreender determinada cultura, visto que nenhuma cultura é completa, ou seja, há que “ampliar ao máximo a consciência de incompletude mútua através de um diálogo

que se desenrola, por assim dizer, com um pé numa cultura e outro, noutra.” É a tentativa de negociação, de expansão, de tornar o outro pronunciável, de dar hospitalidade ao outro (como sugere também Jacques Derrida à propósito de sua teoria da hospitalidade). O que ocorre é que este esforço tende a alcançar os “topoi” – que são lugares comuns retóricos mais abrangentes de uma outra cultura, colocando, assim, um pé nela, e através da expansão, considerar um diálogo nessa cultura e perceber o quanto somos incompletos quando não observamos uma cultura a partir de dentro. Entretanto, e um tanto contraditoriamente à proposta de Anzaldúa, penso que este esforço é sempre descentrado e incompleto, pois a expansão da consciência cultural, por assim dizer, é algo sempre temporário e dinâmico (para recorrer a Stuart Hall à propósito das ancoragens indentitárias que nunca são fixas e, como não posso deixar de pensar, em Platão, que sempre nos alertou quanto ao agonismo existente nos homens – *agon*, ou o combate de palavras, sempre conflitante, sempre friccional). Acredito que o que prevalece é o sentimento da dualidade, “o sentimento paralelo de não pertencimento a qualquer lugar” (Boyce Davies, 2010, p. 752); uma necessidade de constante negociação que, como havia argumentado anteriormente, perdurará numa eterna agonia.

### **Do Trauma e da Tentativa de Recuperação**

Durante toda a obra, observamos que Rísia tem uma posição mais ativa, que chama à revolução, que diz o que pensa, que promete vingança, que promete ativismo. Seu tempo de negociação na São Paulo ‘hospedeira’ foi limitado. Não apenas na grande capital, mas, principalmente, na sua família tão problemática. A personagem não procurou, efetivamente, desenvolver tolerância às contradições que encontrava pelo caminho. O descentramento na vida de Rísia ocorre, principalmente, porque ela se sentia uma inadequada numa cidade e numa família onde ela não “se cabia” e não “se vivia.” Além de querer fazer o retorno para entender suas origens, Rísia também tem sonhos com a “Revolução”, sonhos com vinganças, sonhos de denúncia à desigualdade social e ao preconceito. Ela coloca em pauta a vida de mulheres trabalhadoras do agreste, do sertão e de um nordeste que São Paulo não conhece. A vida de mulheres como a mãe dela, “surrada de manhã e que dormia com ele à noite”. Rísia sabe muito bem que

destino dar à menina que existe dentro dela: “Não vou desrespeitar jamais a menina que existe dentro de mim. A menina que existe dentro de mim está sentada num trono.” (Felinto, 2004, p. 138). Vejamos a posição da protagonista em tomar atitude de maneira ousada:

Eu saí de casa porque não tive coragem de tomar peiote para fugir de lá. Eu saí de casa porque, quando eu chegava de noite, meus irmãos não tinham deixado comida pra mim. Meus irmãos, uns vândalos. [...] Saí de casa porque a comida era comprada com meu dinheiro e meus irmãos não deixavam jantar para mim. Saí de casa por vários motivos. Porque as pessoas brigavam ou não se falavam. Porque havia rancores, porque... [...] Saí de São Paulo para não ser puta. Pois nós éramos muito pobres. (FELINTO, 2004, p. 105, 137)

Para além disso, vemos que Rísia nutre um enorme ódio pelo pai desejando-lhe, inclusive, a morte. Enquanto ela possui, por vezes, a capacidade de enfrentamento diante das objeções da vida, reage freneticamente à autoridade do pai e sonha com um futuro mais promissor. Observemos a reação da protagonista ao encarar a autoridade do pai<sup>4</sup>:

Papai! (um grito histérico). Papai, fique sabendo que aqui sou eu quem tem um salário tão alto quanto o seu salário. Que eu sou quem eu quiser ser. Que você já não existe desde os meus cinco anos de idade. Que, se é como autoridade que você deseja existir, saiba que você é um merda pura. Que eu já sou maior de idade e que chegou a hora de você saber que seu lugar é no inferno. Nunca mais se atreva a mexer no meu armário, ouviu bem? Ou eu mato você. Papai, eu ainda mato você! Papai me deu dois tabefes no toitiço e eu caí meio desmaiada. (FELINTO, 2004, p. 121)

Neste contexto, verificamos em Rísia sintomas da subjetividade nômade, como assinala Rosi Braidotti (2002, p. 12), pois ela age rumo a uma desconstrução permanente da ideia falocêntrica (o falologocentrismo), a partir da denúncia do autoritarismo, do machismo e da violência que a figura do pai representa. Rísia é uma

---

<sup>4</sup> Gloria Anzaldúa traz um novo significado ao descrever o “macho” de hoje. Obviamente, com o olhar a partir de sua cultura (e que se faz totalmente concordante com este trabalho e o local de cada personagem aqui descrito), ela explica que o conceito “machismo” é uma invenção dos anglos. “Para homens como o meu pai, ser “macho” significava ser forte o bastante para proteger e sustentar minha mãe e nós, ainda sendo capaz de demonstrar amor.” Ela sustenta que o macho de hoje “tem dúvidas sobre sua capacidade de alimentar e proteger sua família”, sendo seu “machismo”, portanto, uma adaptação à opressão, à pobreza e à baixa auto-estima. (2005: 710). Sabemos que o sistema e as condições precárias de sobrevivência acabam por ‘brutalizar’ as pessoas. Por isso, penso ser importante relacionar, alegoricamente, as terríveis condições de vida das famílias imigrantes e o desempoderamento e impotência dos pais. De acordo com a afirmação de Anzaldúa, acredito que o “macho” imigrante (o pai de Rísia, neste caso), sofreu, provavelmente, a perda do sentido de dignidade (se é que algum dia a teve) e, diante de tanta humilhação decorrente da pobreza e fome, acabou por diminuir as mulheres e, também, brutalizá-las.

viajante nômade empenhada em (re)atravessar o país para chegar à terra a qual ela realmente sente que pertence, e se juntar a uma revolução que, mais do que qualquer outra coisa, coloca em causa a vida das mulheres nordestinas em busca de justiça para “desfazer as estruturas de poder, que sustentam as oposições dialéticas dos sexos, enquanto respeitam a diversidade das mulheres e a multiplicidade dentro de cada mulher.” (BRAIDOTTI, 2002, p. 15).

### **Da Narrativa Traumática**

Dando continuação à análise da identidade fraturada pelo trauma, verificamos, também, os rompimentos presentes na narrativa. Notamos quebras na fala da narradora onde, por vezes, ela acaba não completando suas frases e seus pensamentos, nos apresentando uma narrativa desconexa, com discursos interrompidos, como quem delira, como quem bateu a cabeça, como que está num estado de alucinação a ponto de não sabermos distinguir o que é sonho e o que é real – caracterizando, mais uma vez, o sentido de esquizofrenia descrito por Roland Walter. Apesar de Rísia ter autoridade discursiva na narrativa (ponto em que Felinto lhe delega uma autobiografia), suas falas são marcadas por palavrões, neologismos e reticências. Observamos seu estado de revolta e alucinação que, conseqüentemente, promove uma recuperação da própria narrativa por todo o texto, ou seja, há repetições de trechos e passagens já ditas anteriormente, comprovando sua obsessão por situações que lhe provocaram trauma. Nos deparamos com a narrativa de impossibilidade, a história de desastres e desempoderamento. Vemos o desempoderamento de Rísia diante do momento em que ela planeja matar a amante do pai, mas encontra-se totalmente impotente para tal aventura. De igual modo, vemos a sua frustração ao encarar a saída de Nema, a morte de seu irmão Ismael e o amor frustrado de Jonas, por quem ela tanto sofreu.

A obra também sugere a inacessibilidade a uma mente consciente, tranqüila e lúcida das personagens. Ao contrário, elas são recheadas de repetições e recuperações de memórias traumáticas, o que, efetivamente, vem a caracterizar o trauma. O mesmo mantra é dito por Rísia diversas vezes à respeito da revolução, da morte do pai, da saída para São Paulo. Afinal, estes são os processos em que se caracteriza o trauma e, ao que

me interessa, repousa na forma como a narrativa é delineada e construída, estrategicamente.

## **Conclusão**

Neste ensaio, vimos que Rísia transita entre dois mundos, entre dois extremos. Muito embora haja uma grande resistência ao final feliz na narrativa do estilo não-triunfalista, como vimos, quero ressaltar o momento de virada na vida da personagem de Felinto. Rísia, efetivamente, termina sua jornada e volta a Tijucoapapo, ainda obcecada pelo desejo de revolução e motivada pelo seu parceiro Lampião. Simbolicamente e discursivamente, a autora usa o personagem Lampião para motivar e acender o desejo de revolução na protagonista.

O seu retorno político torna-se ainda mais surpreendente quando ela se encontra com as mulheres de Tijucoapapo, mulheres guerreiras que, tal como ela, estavam também prontas para a Revolução.

Apesar das diferenças geográficas e culturais vividas pela personagem num contexto de violência e pobreza, ela triunfa em sua jornada para se engajar na luta com as mulheres no Nordeste. Em outras palavra, Rísia se une às mulheres numa marcha feminista em prol de justiça e igualdade.

Nós vamos em busca da justiça das luzes, e caso haja destruição, é porque nós viemos de regiões assim, agrestes, de asperezas de alma, de docilidade nenhuma, de nenhum beijo e nenhum abraço, de tiquinhos de comida na cuia e de lombrigas na barriga, e de sede, mamãe, de insolação e força no caminho para a escola, de não saber mais da própria vontade – de não saber se íamos à escola ou se fazíamos alguma coisa da vida. (FELINTO, 2004, p. 186)

Autoras como Felinto agem num processo de contra-escrever (como afirma Ella Shohat) fazendo histórias locais ganharem visibilidade global. Procuram criar algo nomeadamente novo em suas obras, compartilhando temas que vão desde a busca pela identidade e preocupações com as origens, ao reconhecimento da condição de fragmentação e colocam em causa a questão da alienação. Há, como não poderia deixar de ser, um reflexo da maneira de ver o mundo que cada autora tem embutida na vida de suas personagens nas obras. Estas histórias de autores e personagens tão marginais



